

A PERSEGUIÇÃO JUDAICA NOS TEXTOS DE JORGE AMADO: DA CRÔNICA AO ROMANCE

Márcio Henrique MURACA
Universidade de São Paulo
henrymuraca@yahoo.com.br

Resumo: Ao longo de sua produção textual, Jorge Amado (1912-2001) tratou da perseguição judaica tanto na Europa como no Brasil, articulando-a à militância comunista contrária aos ideais nazifascistas que no país encontravam simpatizantes – incluindo o alto escalão do governo Vargas. O mito do complô judaico-comunista que se cristalizou na década de 1930, servindo como pretexto para a opressão a judeus por parte da polícia política do Estado Novo, assim como por grupos direitistas interessados em ter acesso ao poder, comparece nos textos do autor na forma de denúncia ao antissemitismo. Desde suas crônicas da Segunda Guerra publicadas no jornal baiano *O Imparcial*, entre 1942 e 1945, passando pela biografia de Luís Carlos Prestes, *O cavaleiro da esperança* (1942), a trilogia *Os subterrâneos da liberdade* (1954), na qual expõe a violência da ditadura de Vargas, até os romances da segunda fase, iniciada depois de seu desencanto com o stalinismo, Amado introduziu o tema da perseguição aos judeus. De um lado, tal abordagem serve ao projeto estético-ideológico do autor como denúncia da ameaça nazifascista no Brasil e, de outro, principalmente na segunda fase mais livre da “intenção doutrinária” comunista, aparece em articulação à sua visão positiva da miscigenação que forja a identidade brasileira.

Palavras-chave: Jorge Amado; antissemitismo; Estado Novo; miscigenação

Mais que nenhum outro povo, o vosso tem sofrido. Sobre ele a fúria criminosa do nazismo se desempenhou na manhã de ódio que foi a tomada do poder por Hitler [...] vós, judeus, sofreis e lutais há dez anos, desde aquele trágico dia de 1933, quando Hitler iniciou, nos tempos de hoje, novas noites de São Bartolomeu [...] Vossos sábios, que haviam levantado tão alto o nome da ciência alemã, tiveram que fugir [...] Todos os vossos que se encontravam na Alemanha e nos países saqueados sofreram e sofrem as maiores injúrias, as maiores torturas, os roubos, os programas, os campos de concentração, os machados da decapitação. Hitler revive a Idade Média [...] E, sobre o vosso sangue se lançaram ávidos [...] Tinham sede de sangue, beberam vosso sangue [...]. (AMADO, 2008, p.52-53).

É flagrante a presença judaica na obra de Jorge Amado, desde seus primeiros romances, como *Suor* (1934), passando pelas crônicas da Segunda Guerra até seus romances da segunda fase. Mais especificamente, a perseguição aos judeus pelos regimes totalitários em geral vem servir ao autor como metáfora fulcral de seu posicionamento antifascista, considerando aqui *fascismo* não apenas circunscrito a determinado regime centrado num ditador, mas como termo que extrapola o político e resvala num aspecto simbólico mais amplo apropriado pelo senso comum: qualquer “sistema” ou arranjo social que se engendra pela subjugação do outro, pela relação dominador-dominado, opressor-oprimido. Tais articulações dicotômicas parecem ser o cerne da obra amadiana, cuja preocupação toca certo “humanismo” em diálogo com a cultura popular e sua valorização, modo pelo qual seus textos ganham um caráter ufanista comunista no que se considera sua primeira fase e, após 1956, quando o autor se afasta das obrigações partidárias, a um viés ufanista cultural, estando agora a miscigenação e o sincretismo religioso mais evidentes como duas grandes forças de

idealização nacional. Em qualquer “fase”, no entanto, é sempre o *povo*, vocábulo tão acionado pelo escritor ao longo de seus incontáveis textos, a sua estrela-guia – e muito provavelmente seja essa a razão de Amado ter rejeitado¹ a bipartição crítica de sua obra, a dizer, política, até *Os subterrâneos da liberdade* (1954), e cultural, depois de *Gabriela, cravo e canela* (1958).

Em suas crônicas publicadas no jornal *O Imparcial*, de Salvador, entre 1942 e 1945, na coluna “Hora da Guerra”, o judeu como povo humilhado, perseguido e violentado pelas forças nazifascistas surge como metonímia da opressão e da intolerância, assim como argumento de que o “perigo fascista”, mais do que derrotado, deve ser aniquilado no pós-Guerra, cuja vitória dos Aliados, sendo Stálin o “anjo-mor” da libertação mundial, é o prenúncio de um novo tempo. Esse caráter messiânico igualmente se funde à imagem do judeu, como se o genocídio nazista evocasse de imediato o “mito martirológico” que, de acordo com Shaked (1999, p.140) se liga na sociedade ocidental aos judeus assim como a não judeus. Haveria algo, portanto, de remissão e renovação das relações humanas no flagelo de tantos povos subjugados pelo “obscurantismo” fascista, sendo sua melhor representação o Holocausto ou a Shoá.

Isso posto, no fragmento da crônica que abre este trabalho, intitulada “Solidários com a vossa dor?...”, publicada em 4/2/1943, o cronista Jorge Amado declara que, dentre todos os povos sofredores dos regimes autoritários, é o povo judeu o “mais sofrido”. Por meio de paralelismos que evocam a canção e as narrativas populares², o autor enfatiza no texto certo lirismo que se ancora na emoção, forma retórica de persuasão³. Ali estão vários elementos cruciais que perpassam a crítica amadiana aliada ao comunismo: há a inserção de historicismo ao lembrar que a perseguição aos judeus ganhou traços oficiais desde 1933, com a ascensão de Hitler na Alemanha nazista; há a menção à fuga de cientistas, artistas e intelectuais judeus para outros países, em contraste com o regime nazista sempre articulado ao “obscurantismo” e à “Idade Média”, estando esta associada a uma era de ignorância e atraso humano – Hitler a “revive”; há, ainda, a enumeração dos expedientes de violência, estando “campo de concentração” em destaque, algo curioso quando se tem em vista que Primo Levi (1990, p.1) assinala que a existência de tais “espaços” começou a vir a público apenas depois de 1942 – a crônica, como se observa, foi publicado no início de 1943. Por fim, na sequência do texto, Amado menciona que o nazismo também espoliou o povo judeu. É detectável, então, uma constelação de fatos tecida numa dicção popular pelo autor que tem como alvo, também, a propaganda subterrânea do comunismo como regime diametralmente oposto ao *criminoso* nazifascismo. O que Jorge Amado deseja fazer o leitor ver é que o “perigo fascista”, recuperando expressão dele próprio, pode igualmente se alastrar no Brasil.

O contexto nacional, nesse sentido, está impregnado de ideais nazifascistas. Este é um tema que também perpassa todas as suas crônicas, tendo como inimigo a ser combatido Plínio Salgado e seu Integralismo. Uma vez mais, Amado serve da figura do judeu perseguido como meio de sensibilizar o leitor para a violência a que direitistas recorrem. Uma das crônicas em que o autor mais se mostra tocado pelos efeitos nefastos da Guerra e da intolerância é o texto em que trata de uma exposição de Lasar Segall: “ÉRAMOS VÁRIOS NA SALA MAIOR DO ATELIER DE LASAR SEGALL. Ele voltou a tela imensa para nós. E a guerra surgiu à nossa frente em todo seu horror.” (AMADO, 2008, p.230). O escritor comenta a perseguição que o

¹ Jorge Amado (1990, p.269), em entrevista a Raillard, rechaçava a premissa das “duas fases” em sua obra com a “tese” de que a unidade de sua produção, do começo ao fim, estaria no “conflito entre o povo e a classe média”, o que repercutiria “sobre muitos aspectos” em seus textos.

² A estrutura popular da obra amadiana é discutida em obras como *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*, de Eduardo de Assis Duarte (1996), e *O Brasil best seller de Jorge Amado*, de Ilana S. Goldstein (2000).

³ Ver a introdução de Márcio Seligmann-Silva ao livro *Laocoonte – Ou sobre as fronteiras da Pintura e da Poesia* sobre certa concepção de que o convencimento na poesia (“*persuadere* no jargão da retórica clássica”) passa pela emoção, conforme as conclusões de Dubos em seu *Réflexions Critiques sur La Poësie et sur La Peinture* (1719) (SELIGMANN-SILVA, 1998, p.20).

artista judeu radicado no Brasil sofreu de determinados grupos, o que vem ao encontro do que Tucci Carneiro explica em sua obra *O antissemitismo na era Vargas*:

“Arte degenerada” foi a expressão empregada por um grupo de jornalistas e intelectuais que, identificados com o ideário nazista, manifestaram-se a respeito das obras expressionistas de Lasar Segall por ocasião da mostra realizada no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, sob os auspícios do Ministério da Educação em 1943.
(TUCCI CARNEIRO, 2001, p.331).

Jorge Amado comenta que telas de Segall foram “estiletadas” por esses grupos reacionários. Adiante, o autor destaca a respeito do pintor:

Sua pintura é combate, é luta, é democracia contra fascismo, é liberdade contra escravidão. A tragédia que o nazismo desencadeou sobre o mundo está representada nestes três quadros: a matança dos judeus em todos os países onde o nazismo assentou sua bota; a fuga desesperada de quantos se puderam salvar, gente de todas as pátrias, em busca de paz; e, por fim, a guerra. (AMADO, 2008, p.231).

O que está em jogo é um mundo polarizado entre bem libertário (que passa claramente pela conscientização socialista) e o mal aliado ao nazifascismo e a grupos direitistas no Brasil. É justo aqui comentar que, na época das crônicas, Amado não critica o governo Vargas diretamente. Pelo contrário, há uma “reconciliação” em razão do Partido Comunista se aliar ao presidente no esforço de Guerra. A estratégia era clara: o perigo maior é o nazifascismo sequioso para vencer a União Soviética comunista de Stálin, a “pátria do socialismo e da liberdade”. A estratégia de *união* frente ao inimigo em comum em muito se articulava à ideia de “unidade internacional”, conforme explica Fausto (2008, p.20), tão cara ao comunismo. Era preciso, portanto, juntar forças para vencer a maquinaria do mal estampada na política de Hitler. Um grande paradoxo nas crônicas de Amado surge dessa aproximação com o governo: ao mesmo tempo em que o autor se sensibiliza pela questão judaica na Europa, pela perseguição aos judeus no Brasil, deixa de lado a crítica direta ao governo antissemita e sua política que visava a barrar a entrada de judeus no país, entre outras medidas.

Amado chega a escrever sobre a “pura tragédia grega” do “navio repleto de judeus que andou de porto em porto, sem conseguir onde desembarcar estes viajantes sem pátria e sem destino”. (AMADO, 2008, p.69). Contudo, não aprofunda o fato, não responsabiliza os próprios agentes governamentais por essa tragédia⁴.

Sua estratégia, antes, é a generalização e o *lirismo*:

Centenas e centenas de famílias, famílias decepadas que perderam cada uma algum ser querido, chegam de todas as partes onde o nazismo assentou sua bota, para as terras da América. Vêm fugindo da desgraça, dos fuzilamentos, da fome, da escravidão, dos campos de concentração. A América aparece ante seus olhos como símbolo da liberdade, da decência, da dignidade. (AMADO, 2008, p.69).

⁴ Convém, nesse sentido, citar o estudo de Tucci Carneiro (2001, p.323): “A ditadura estadonovista dispôs do antissemitismo como instrumento político a serviço do poder, manipulando interesses ao nível das relações internacionais e nacionais. Da mesma forma, o movimento integralista e o grupo católico reacionário adotou-o como signo integrado ao seu universo doutrinário. Neste contexto emergiu a imagem do judeu como encarnação do Mal, identificado como o perigo vermelho e como fator de desagregação social.”.

Entre as muitas coisas que temos a vingar estão as crianças exiladas de sua pátria, de meninice partida pela desgraça, de olhos cheios de medo, crianças que Hitler e seus lacaios deixaram sem infância e sem alegria. Crianças criadas na dor e no desespero. (AMADO, 2008, p.70).

Esse é o efeito dialético do artista engajado que se vendo obrigado a seguir a cartilha de Moscou acaba por “esquecer”, por exemplo, da alemã judia Olga Benário, esposa do líder comunista brasileiro Luís Carlos Prestes, entregue pelo governo de Vargas à Alemanha Nazista, onde vem a falecer num campo de concentração. Curioso que o fato é mencionado justamente antes da aproximação do Partido com o governo, na biografia de Prestes escrita no autoexílio do escritor baiano, *O cavaleiro da esperança* (1942), como se lê:

A Gestapo estava no cais para receber o presente da polícia brasileira. Olga foi posta na sombria prisão de Barnimstrasse, onde a 27 de novembro de 1936, no dia em que o levante do Rio de Janeiro cumpria seu primeiro aniversário, nasceu a filha de Luiz Carlos Prestes. Nasceu na prisão, iria crescer no exílio. (AMADO, 1987, p.323)

Recuperando Tucci Carneiro (2011, p.323) e também se valendo da obra de Taciana Wiazovski, *O mito do complô judaico-cristão no Brasil* (2008), a presença judaica na obra de Jorge Amado está intimamente articulada ao conceito “judeu-agitador político”. Esse caráter de *subversão* “do judeu” é outro elemento metonímico de que se serve Amado para enfatizar as forças do bem e do mal supramencionadas, em vários sentidos. É o que se nota no primeiro livro da trilogia *Os subterrâneos da liberdade*, intitulado *Os ásperos tempos* (1954):

Pessoas de confiança de Getúlio os tinham prevenido: aquilo que o ditador não tivera coragem de fazer em 1930, o faria agora – fazendas, fábricas, jornais, ações, tudo passaria para as mãos do Estado ou dos familiares do governo [...].

Henriqueta arregalava uns olhos pela primeira vez, sinceros, o rosto pálido, a boca semiaberta, sem voz. Paulo não compreendia bem o motivo da comédia de Marieta mas a seguia divertido e, para ajudá-la, acrescentou detalhes dando força de veracidade às suas afirmações alarmantes:

– Desde ontem à noite, mesmo antes do golpe, o exército ocupou o “Estado”, um dos jornais armandistas. Os Mesquitas vão perder tudo que têm... E eu mesmo estou asilado aqui, igual a você. Penso que a estas horas a polícia já está lá em casa, fazendo o inventário do pouco que temos...

– Não é possível... – articulava Henriqueta, agora de todo desinteressada de conquistar Paulo, pensando exclusivamente nas suas propriedades, na casa magnífica construída há seis meses apenas, pelo célebre arquiteto Marcos de Sousa, nas fazendas cobertas de cafeeiros, na rua inteira de prédios de aluguel no centro da cidade, rendendo uma fortuna mensal. – Não é possível... Essas coisas são sagradas, ninguém as pode tomar...

– Minha filha, agora é o Estado Novo, a ditadura fascista, não é como em trinta... Olha o que Hitler fez na Alemanha: tomou os bens de todos os judeus...

– Mas a gente não é judeu, Deus me livre... Tônico é de uma das mais velhas famílias de São Paulo e eu sou de origem inglesa. A gente pode provar, Tônico tem em casa a árvore genealógica da família, custou um dinheirão...

– O negócio de judeu foi na Alemanha, minha filha. Aqui é exatamente contra os paulistas de quatrocentos anos que Getúlio deu o golpe...

Dona Henriqueta punha as mãos no rosto, perdera o ar picante, o quebrado sensual dos olhos [...].

– Vá atrás disso... Onde já se viu tomar as propriedades dos outros? Isso são os comunistas que querem fazer. E Getúlio, é ele por acaso comunista?
 – Fascista... – Repetiu Henriqueta.
 – E onde você já viu os fascistas tomarem propriedades de alguém?
 – Hitler tomou dos judeus...
 – Bem, isso foi outra coisa. Eram judeus... Aqui não vai se passar nada disso... Pode ser que prendam alguns políticos, mas no dinheiro ninguém toca... Imagine só!

Agora Marieta e Paulo riam também e Henriqueta começou a compreender que se haviam divertido às suas custas. Quis zangar-se, mostrar-se ofendida, mas o alívio que sentia era tanto que ela também riu, novamente recuperando seu ar lânguido e provocante.
 (AMADO, 1977, p.113-115).

O contexto do fragmento é a reunião de um grupo de personagens da elite. Henriqueta está sendo “vítima” da galhofa dos outros ali presentes que pretendem confundi-la ao sugerir que os “endinheirados” irão perder seus bens em função do Estado Novo de Getúlio Vargas. A confusão então estabelece a conexão entre a ditadura no Brasil, o nazismo de Hitler e o fascismo como termo generalista, algo como “autoritário” e “conservador”. No que aqui concerne, o judeu é mencionado como aquele que foi espoliado pelo totalitarismo em função de sua condição judaica – a ironia está em tal reducionismo. A elite nacional, nesse retrato, sobretudo na figura de Henriqueta, é percebida, portanto, como ignorante e mesquinha, refletindo, ainda, o desconhecimento da população acerca do que seja o *judeu*. Elementos como etnia, religião e cultura se confundem a noções e imagens ainda mais arcaicas e profundas, gravadas no imaginário popular: o judeu é usurário, subversivo, ligado a redes sociais obscuras e, por isso, um “forasteiro” que não compartilha dos valores da sociedade majoritária, como destaca Jerry Z. Muller em seu *Os judeus e o capitalismo mundial* (2011, p.27-84). Nesse contexto, não é de se estranhar que a personagem argumenta que a expropriação de bens perpetrada pelo nazifascismo aos judeus é algo justificável, o que não condiz a ela e ao grupo, os quais pertencem ao grupo dominante.

A crítica amadiana é bastante evidente: a concentração de riqueza está intimamente ligada à concentração de poder, daí a indignação de Henriqueta e a pilhéria dos outros, a qual nasce exatamente do teor inverossímil da anedota. Em outras palavras, a ditadura não atinge as camadas poderosas, mas lança suas garras aos grupos minoritários que, mesmo tendo posses, é considerado marginal, como os judeus, expediente discursivo que serve como escusa para a perseguição e, sobretudo, pilhagem de bens. Isso é diretamente denunciado pelo narrador do supracitado *O cavaleiro da esperança*, como se pode observar:

As prisões [...] não foram apenas um meio de vingança política e pessoal, de quanto policial e quanto fascismo existiam no país infelicitado. Foram também um meio de vida e de fazer fortuna. Inúmeros judeus ricos foram presos exclusivamente para que suas famílias pudessem ser procuradas por investigadores, a mando dos chefes, investigadores que ofereciam a liberdade do preso em troca de muitos contos de réis. Assim entrou muito dinheiro para os cofres dos "defensores da civilização". Policiais mobiliaram as suas casas com móveis e objetos trazidos das casas de presos políticos. Os espancamentos são sem conta, as torturas são inúmeras, os roubos não são menores, amiga. (AMADO, 1987, p.304).

Ao se afastar do Partido Comunista em meados dos anos de 1950, Jorge Amado parte para uma obra em que ganham força o colorido nacional e o humor. O discurso político é abandonado, a seriedade do militante que em *Os subterrâneos da liberdade* chegava ao

extremo de transformar o Partido em herói (DUARTE, 1996, p.219) dá lugar à valorização do popular, o povo como metonímia da verdadeira liberdade, a miscigenação como estrada do futuro, o sincretismo religioso (e, principalmente, cultural) como exemplo ao mundo de nação onde convivem festivamente várias “cores”. O sabor, portanto, substitui a dor. De um romantismo socialista, Jorge Amado passa a um romantismo sensual, onde os sentidos afloram. À vista disso, é interessante que o judeu como subversivo e perseguido pelo fascismo volta à cena em *Farda, fardão, camisola de dormir*, publicado em 1979.

O excerto abaixo reproduz, logo no início do romance, o judeu Samuel Lederman, jornalista e editor de uma revista esquerdista, de frente ao temível coronel Sampaio Pereira, na tentativa de persuadir o “fascista”, admirador do arianismo de Hitler, a liberar sua publicação censurada pelo órgão governamental responsável:

Desagradável mesmo foi quando o Coronel, tendo começado a folhear as provas tipográficas, perdeu a cabeça e deixou de representar. Até então, a entrevista decorrera numa atmosfera pesada porém suportável; tampouco se pretende ambiente cordial, troca de amabilidades, gentilezas e sorrisos num encontro entre o Chefe do Sistema de Segurança da ditadura do Estado Novo e um rele jornalista subversivo, suspeito de pertencer ao Partido Comunista e escarradamente judeu. (AMADO, 1985, p.19).

Diferente de *Os subterrâneos da liberdade*, no qual os excessos da ditadura do Estado Novo são denunciados de forma crua e nua, com momentos de tortura e violência execrável, *Farda, fardão, camisola de dormir*, coloca o maniqueísmo em tom bem humorado, havendo certa autocrítica esquerdista, inclusive. O judeu Samuel é figurado como sonhador e ingênuo, arriscando a própria pele entregue a um homem frio e violento como o coronel – que, aliás, está tenso em razão da possível vaga a ser aberta na Academia Brasileira de Letras onde pretende ser imortal. Em campos opostos, o jornalista é o próprio retrato de uma militância romântica (camisola de dormir), enquanto o militar é a representação do “fascismo” (farda), da intolerância e do poder ignorante. O fardão da ABL pode ser percebido como o artificialismo da sociedade burguesa calcada no prestígio (*status*) onde todos pretendem “adentrar”, de esquerdistas a direitistas. Nesse sentido, o poeta recém-falecido Antônio Bruno, membro da instituição e que deixa a “cadeira” em aberto, é descrito como um “romântico” despolitizado e amante de muitas mulheres. Ele acaba vítima de um enfarte quando sabe que Paris fora tomada pelos nazistas. Os dois ataques cardíacos que o acometem (o segundo é fulminante) são menos por questões políticas e mais pelo que Paris representa: a beleza, a poesia, a liberdade, a civilização. A ironia é que seus versos acerca do tema, intitulado “Carta de amor a uma cidade ocupada”, escrito depois do primeiro ataque, acaba servindo à militância como texto de resistência, como é possível verificar no fragmento:

Na hora exata em que o Acadêmico Lisandro Leite telefonou, alvoroçado, ao Coronel Agnaldo Sampaio Pereira para comunicar a fúnebre e grata notícia da morte do poeta Bruno, telefonema que deu início à movimentação de forças, o ferroviário Elias, também conhecido por Profeta, nome de guerra, estava suspenso no ar, pendurado pelos escrotos, no Quartel da Polícia Especial. Atletas daquela corporação de choque, baluartes do régimen, queriam que Profeta, preso dois dias antes, citasse nomes, revelasse endereços e ligações. Curiosamente, algumas estrofes de um poema recente, lido em cuja cópia mimeografada, concorriam para o obstinado silêncio do prisioneiro, sustentavam-no na prova atroz. Não sustentaram, porém, o poeta Antônio Bruno, que as escrevera, não lhe deram forças para superar o desalento e o desespero. (AMADO, 1985, p.17).

Mais uma vez o judeu é evocado: o ferroviário Elias, conhecido como Profeta, justamente espelha o profeta israelita da resistência e do martírio, mas de um modo jocoso. Enquanto o poeta Antônio Bruno havia morrido a despeito de sua poesia que dá forças para a militância, o Profeta supera o desalento e desespero, sendo torturado nos porões do Estado Novo. A descrição de Samuel vai cada vez mais enfatizando seu caráter idealista, utópico e ingênuo: ele se ressentido do fato de o coronel mencionar ao telefone a ABL, “benemérita instituição” (AMADO, 1985, p.28), assim como se mostra admirador do poeta Antônio Bruno, cujos versos a Paris foram publicados na sua revista censurada.

Isso posto, é possível novamente identificar o idealismo libertário em oposição ao pensamento autoritário, “fascista”. A ironia é que a sociedade burguesa em geral valoriza a expressão artística e as instituições como meio de concentrar poder e dele se aproveitar. Não parece equivocado dizer que a preocupação econômica das obras de Jorge Amado dos anos de 1930 vai dando lugar a uma crítica a toda forma de poder e aos valores burgueses estéreis.

Nesse sentido, é o universo do povo, das massas e suas mesclas que serve ao escritor como anúncio da liberdade conferida pelo reconhecimento da naturalidade, em contraste com aquele artificialismo das classes abastadas. A miscigenação, assim, é um dos elementos fulcrais do ufanismo cultural de Jorge Amado, meio de louvar a cultura popular e não mais ver que os extratos marginalizados da sociedade devem fazer a revolução no sentido de transformação social e de si. Em realidade, a percepção agora é a de que o colorido natural do povo serve de exemplo ao mundo: a resistência das massas se dá pela espontaneidade e pela originalidade de suas manifestações e de seu cotidiano. Ou seja: séculos de exploração tiveram como bom resultado a mescla e uma cultura única.

É o que se confere em *Tenda dos milagres* (1969):

As notícias daquela noite davam gosto, os “arianos” apanhando de criar bicho. Todo mundo xingava os alemães, “os nazistas alemães”, “os monstros alemães”, o velho, porém, só se referia aos “bandidos arianos”, assassinos de judeus, negros e árabes. Conhecia alemães ótimos, seu Guilherme Knodler casara com uma negra e tivera oito filhos. Um dia foram lhe falar de arianismo, ele puxou o cacete para fora das calças e retrucou:

– Só se eu cortar o pau!

Quando Maluf, para comemorar as vitórias do dia, serviu uma pinga, a discussão começou: se Hitler ganhasse a guerra poderia ou não matar tudo que não fosse branco puro, acabando de vez com o resto do povo? Opina daqui, opina de lá, pode, não pode, ora se pode, o ferreiro se alterou:

– Nem Deus, que fez o povo, pode matar tudo de uma vez, vai matando de um a um e quanto mais ele mata mais nasce e cresce gente e há de nascer, de crescer e de se misturar, filho da puta nenhum vai impedir! [...].

[...] Quanto mais misturado, melhor: o velho quase sorri em meio à dor posta em cruz sobre seu lombo, dor mais pesada de carregar. Sorri ao lembrar-se da neta de cabelos lisos e sedosos, o corpo esguio, os olhos azuis, a pele morena, muitos se somaram para fazê-la assim perfeita.

(AMADO, 1987b, p.60).

O extrato evidencia a miscigenação como fator de libertação e “novidade” geradora da beleza, ao passo que o arianismo se dá na concepção oposta: é a face da violência que busca um purismo castrador e catastrófico. É curioso que a idealização da mescla acaba, em última instância, operando na mesma chave do arianismo, isto é, a utopia da raça e da cultura que se agarra a conceitos nacionalistas. A diferença, pois, não é tão valorizada como o resultado da mistura. A crítica que se vê na passagem acerca da violência dos “assassinos nazistas” que matam “judeus, negros e árabes” serve ao narrador como meio de ressaltar que as “raças” juntas, convivendo em harmonia num país imenso e “acolhedor” como o Brasil, é a luz do

futuro. É como se a miscigenação completa materializasse, finalmente, as categorias liberdade e igualdade, tão caras aos ideais democráticos e iluministas. O “humanismo romântico” de Jorge Amado passa, por conseguinte, por uma idealização que visa à procura da identidade nacional. O judeu é evocado como o perseguido e oprimido, mas resistente e capaz do martírio em nome da salvação. O messianismo ancorado no povo, sua salvação colocada num futuro, é, na hipótese aqui defendida, a marca da obra amadiana, seja a política, em que o comunismo “obreirista” trataria de salvar a todos, seja a de colorido cultural, na qual a mescla dos povos se torna festa redentora numa nação quente, romântica e sensual.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Farda, fardão, camisola de dormir*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- _____. *Hora da Guerra*. FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (Org.). São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- _____. *O cavaleiro da esperança*. Rio de Janeiro: Record, 1987a.
- _____. *Os ásperos tempos*. São Paulo: Martins, 1977.
- _____. *Tenda dos milagres*. Rio de Janeiro: Record, 1987b.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FAUSTO, Boris. Olhares Cruzados. In: FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (Org.). *Hora da Guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p.13-23.
- GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado*. São Paulo: Senac, 2000.
- LEVI, Primo. *Os Afogados e Os Sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- MULLER, Jerry Z. *Os judeus e o capitalismo mundial – O que explica o sucesso judaico nas sociedades capitalistas?* São Paulo: Saraiva, 2011.
- RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Introdução/Intradição”. In: *Laocoonte – Ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia*. São Paulo: Iluminuras, 1998, p.7-57.
- SHAKED, Guershon. “Quem é o culpado? Ruptura das convenções na observação da temática do Holocausto”. *Caderno de Língua e Literatura Hebraica*. n.2. São Paulo: FFLCH/USP, 1999. p.139-172.
- TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. *O antissemitismo na era Vargas – Fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- WIAZOVSKI, Taciana. *O mito do complô judaico-comunista no Brasil – Gênese, difusão e desdobramentos (1907-1954)*. São Paulo: Humanitas, 2008.